

Nome de gente

Por José de Souza Martins

Valor, 10/10/2025

Temos milhares de pessoas registradas no Brasil com nomes ou sobrenomes difíceis de pronunciar e sem nenhuma significação em nossa língua. E os cartórios reagem arbitrariamente

Há umas duas semanas, ocorreu em Belo Horizonte um problema com a recusa do registro de nascimento de uma menina, no cartório instalado na maternidade, do nome escolhido pelos pais para a filha: Tumi Mboup.

A mãe é formada em história, e o pai é sociólogo. Dois intelectuais, portanto, que certamente sabem o que estão fazendo. Ambos são negros. O cartorário alegou que o nome exporia a criança ao ridículo. Um segundo cartório e a própria Justiça confirmaram a interpretação.

Uma enxurrada de insultos preconceituosos contra os pais, por parte dos leitores de sites, acusava-os de serem responsáveis pela recusa por terem escolhido um nome não brasileiro e de motivação racial.

O registro de nascimento da menina acabou sendo feito num cartório do Rio de Janeiro. Tumi quer dizer “lealdade”, um nome poético. Mboup é o sobrenome de um físico senegalês, Cheikh Anta Diop, já falecido, que também se dedicou a uma tese antropológica, de grande originalidade, sobre a identidade cultural compartilhada entre os povos africanos.

Temos milhares de pessoas registradas no Brasil com nomes ou sobrenomes difíceis de pronunciar e sem nenhuma significação em nossa língua. Até mesmo nomes esdrúxulos e descabidos. Uma amiga estava na sala de espera de um consultório dentário, em São Paulo, quando a dentista chamou a próxima cliente, uma menina: Madeinusa. Isto é “made in USA”, que o pai vira na embalagem de um produto feito nos Estados Unidos e achara-o bonito e original.

Nem nomes de celebridades escapam do esdrúxulo. O escritor português José Saramago, filho de uma família pobre, recebeu o sobrenome imposto pelo cartório nos tempos iniciais do regime republicano, quando se tornou obrigatório o registro civil de nascimentos em Portugal. Saramago é a pronúncia vulgar de “sal amargo”, um purgante.

Na mesma linha das aberrações, encontrei no Cemitério do Araçá, o sobrenome “Quattrocchio” (sic!), ou seja, “Quatro olho”. Coisa de um cartorário na Itália que quis ironizar um pobre que passara a ter sobrenome.

No final dos anos 1970, o apresentador de televisão Flávio Cavalcanti entrevistou três irmãs pré-adolescentes que se chamavam Fotocópia, Xerox e Autenticada. Nos três casos, nascida uma filha, a mãe alertava o marido que era preciso registrá-la. Ele mandava que ela mesma o fizesse. Qual nome? Ela perguntava. Escolha você. No cartório, sem um nome escolhido, quando perguntada pelo escrivão, dizia o nome que estava escrito no cartaz da parede.

No Brasil escravista, escravos não tinham sobrenome. Na falta de um, quando fugiam eram identificados pela feiura, por defeitos físicos, como cicatrizes ou marcas da chibata, ou “defeitos de caráter”, como o alcoolismo ou saber tocar viola caipira.

Pelo menos seis presidentes do Brasil tiveram sobrenomes particularmente estranhos: Geisel, Rouseff, Temer, Bolsonaro (“Bolsonaro”, neste caso, “punçador”). Ou Sarney, cujo pai trabalhara numa empresa de eletricidade, que tinha um diretor inglês a que todos chamavam de “sir Ney”. Quando José Ribamar resolveu que seria escritor, alguém lhe sugeriu que precisava de um nome literário. Ninguém lia livro de um José Ribamar, nome comuníssimo no Maranhão. Escolheu, então, o nome cuja pronúncia o pai admirava, de antigo colega de trabalho: Sarney.

Luiz Inácio, como é mais ou menos próprio do mundo operário, era conhecido pelo apelido, uma variante afetiva do nome: Lula. Ao entrar na política, teve que mudar em juízo o próprio nome, acrescentando-lhe o apelido. Corria o risco de não se eleger se se apresentasse ao eleitorado como “Luiz Inácio”.

Nem o indiscutivelmente tupi e pátrio “Maíra” se salvou de interpretações sem fundamento. Popularizado pelo estudo antropológico de Darcy Ribeiro, “Uirá vai ao encontro de Maíra”, entenderam os pais e os cartórios que Maíra é nome feminino que indica suavidade e doçura, quando é exatamente o contrário. Ou seja, ouviram falar, mas não leram o livro.

Uirá e a mulher, índios urubu-kaapor, inconsoláveis com a morte de um filho, deixaram a aldeia e seguiram o curso a jusante dos rios, pois sabiam que Maíra vem do mar. Quase foram linchados ao longo do caminho, porque estavam nus. Maíra é um ente masculino que vem para castigar os índios. Queriam interpelá-lo para saber o que haviam feito para sofrer tamanha perda.

No mesmo país em que os cartórios do registro civil são severos na estigmatização de nomes, a Justiça Eleitoral aceita que candidatos se registrem com nome de urna, geralmente ridículo, como Tiririca, uma erva daninha, ou Delegado Caveira, deputados federais. Caveira é personagem da Marvel Comics e delegado é função pública. O cartório recusaria registrar um Tiririca ou um Caveira como gente.

José de Souza Martins é sociólogo. Professor Emérito da Faculdade de Filosofia da USP, professor da Cátedra Simón Bolívar, da Universidade de Cambridge, e fellow de Trinity Hall (1993-94). Pesquisador Emérito do CNPq. Entre outros livros, é autor de “No limiar da noite” (Ateliê Editorial, Cotia, 2021).